

A PESQUISA QUALITATIVA NA ESCOLA: CAMINHOS QUE LEVAM À CULTURA DE PAZ

Maria Gessi-Leila Medeiros
Maria da Cruz Soares da Cunha Laurentino
Francisco Waldílio da Silva Sousa
Maria do Carmo Alves do Bomfim

Introdução

A importância da pesquisa social consiste na modificação do modo de pensar e de produzir conhecimento. Essa mudança de paradigma repercutiu positivamente no campo científico, possibilitando uma investigação qualitativa das demandas que emergem do âmago das sociedades pós-modernas.

Lançar um olhar reflexivo que busque compreender em sua complexidade as relações humanas que se estabelecem no âmbito social é o desafio da pesquisa qualitativa. Essa abordagem busca, por meio do pesquisador, considerar a historicidade dos sujeitos, cujas relações são constituídas a partir de crenças e de valores próprios do espaço em que estão inseridos, e se empenha também em decifrar, em sua profundidade, por meio de procedimentos e técnicas, os aspectos subliminares que se apresentam nas tessituras dessas relações. Coadunando com esse pensamento, Chizzotti (2010) diz que:

A pesquisa [qualitativa] reconhece o saber acumulado na história humana e se investe do interesse em aprofundar as análises e fazer novas descobertas em favor da vida humana. Essa atividade pressupõe que o pesquisador tenha presente as concepções que orientam sua ação, as práticas que eleger para a investigação, os procedimentos e técnicas que adota em seu trabalho e os instrumentos de que dispõe para auxiliar o seu esforço (CHIZZOTTI, 2010, p.19).

No âmbito educacional, o estudo qualitativo propõe-se a analisar a realidade imbuída de significados e de sentidos múltiplos construídos no cotidiano da escola a partir da ação dos indivíduos. Sobre a relevância da vida cotidiana como mecanismo de influência no modo de agir e de produzir sentido, Melucci (2005) esclarece:

Uma [...] dimensão crucial da sociedade contemporânea é a importância da vida cotidiana como espaço no qual os sujeitos constroem o sentido do seu agir e no qual experimentam as oportunidades e os limites para a ação. Essa atenção para a vida cotidiana estende o foco sobre a particularidade dos detalhes dos detalhes e a unidade dos acontecimentos que dificilmente servem para ser observados, contidos e organizados dentro dos modelos de análise unicamente quantitativos. Na vida cotidiana, os indivíduos constroem ativamente o sentido da própria ação, que não é mais somente indicado pelas estruturas sociais e submetido aos vínculos da ordem constituída. O sentido é sempre mais produzido através de relações e esta dimensão construtiva e relacional acresce na ação o componente de significado na pesquisa. Isto muda a atenção para as dimensões culturais da ação humana e acentua o interesse e a importância da pesquisa do tipo qualitativo (MELUCCI, 2005, p.29).

Assim, destacamos indicadores de significados, observados nas realidades cotidianas, que extrapolam o campo das pesquisas meramente quantitativas, e que caracterizam o alto nível de complexidade de determinados fenômenos: as representações, os valores, os costumes, as atitudes. Fatores, esses, que devem ser considerados em uma análise que busca compreender “o ‘como’, ou os modos através dos quais tais fenômenos acontecem” (MELUCCI, 2005, p.9).

Desse modo, este trabalho aborda um problema que tem estimulado muita reflexão e conquistado um caráter ex-



ponencial no mundo contemporâneo: a violência na escola. É também um pequeno recorte de uma pesquisa sobre mediação de conflitos, cujo objeto de estudo foi delineado a partir da busca por alternativas eficazes de combate às violências que se proliferam no espaço escolar. A referida pesquisa tinha como **objetivo geral**: analisar as práticas de violência na Unidade Escolar Maria Melo no período em estudo. E como **objetivos específicos**: identificar os tipos de violências praticados na escola; analisar os impactos da violência nas convivências entre os atores escolares; identificar as possibilidades de criação de um programa de mediação de conflitos para períodos posteriores à pesquisa.

Assim, pretendemos relatar a experiência de uma pesquisa-ação intitulada: **MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NO ESPAÇO ESCOLAR: linguagens de Cultura de Paz na escola pública de Teresina/PI**, desenvolvida no período de 2012 e 2013. Para tanto, utilizamos como subsídio teórico, entre outros: Abramovay e Castro (2006); Charlot (2002); Foucault (1997); Jares (2002); Macêdo e Bomfim (2007); Melucci (2005); Serrano (2002).

Aportes Metodológicos

Compreendemos que o trabalho de pesquisa desenvolve-se no processo de abordagem de uma realidade específica a fim de compreendê-la e/ou modificá-la. Sua concretização acontece por meio de procedimentos que guiam a sistematização e a organização das ações. A partir desse entendimento, visando atingir os objetivos propostos, a pesquisa citada anteriormente, objeto deste artigo, é **de natureza qualitativa**, tendo em vista que ela favorece uma visão holística do fenômeno investigado, levando em conta a relação de reciprocidade entre os componentes envolvidos. Essa abordagem é



adequada quando há interesse em investigar o significado das experiências e os valores das pessoas, suas perspectivas em um ambiente natural (GIL, 2008).

Melucci (2005), ao analisar a pesquisa qualitativa na perspectiva social, assevera que a construção dos sentidos e dos significados da pesquisa é protagonizada por seus próprios atores:

Os pontos de vista qualitativos na pesquisa social se referem à ação social como capacidade dos atores de construir o sentido da ação no interior das redes de relações que permitem partilhar a produção de significados. Neste campo de observação a ação não é mais simples comportamento, mas construção intersubjetiva dos significados através de relações (MELUCCI, 2005, p.40).

Entre as modalidades da pesquisa qualitativa **elegemos a pesquisa-ação**, haja vista o compartilhamento do conhecimento entre os participantes do processo, a qual garante aos participantes-atores a manifestação de suas experiências e expectativas em uma total liberdade de expressão (DIONNE, 2007).

De acordo com Thiollent (1997), outro fator importante, nessa modalidade, refere-se às fases da pesquisa, cuja rotina compõe-se de quatro etapas necessárias à sua implementação: **fase exploratória**, que está relacionada à divulgação da proposta, ao diagnóstico da situação e à formação de equipes; **fase principal**, que diz respeito ao início das atividades, que ocorre através de seminários para guiar a ação; **fase de ação** que se refere às medidas práticas baseadas nas etapas anteriores: difusão de resultados, definição de objetivos alcançáveis por meio de ações concretas, apresentação de propostas a serem negociadas entre as partes interessadas e implementação de ações-piloto que posteriormente, após avaliação, poderão



ser assumidas pelos atores sem a atuação dos pesquisadores; e por fim, a **fase de avaliação** que apresenta dois objetivos principais: verificar os resultados das ações no contexto organizacional da pesquisa e suas consequências a curto e médio prazo, e extrair ensinamentos que serão úteis para continuar a experiência e aplicá-la em estudos futuros.

O cenário selecionado para realização da pesquisa foi uma escola da rede estadual de ensino, localizada no bairro Planalto Ininga, zona leste da cidade. A escola atende, em sua maioria, moradores das suas imediações. Essa escola foi selecionada em virtude de suas experiências com Cultura de Paz: nos anos de 2005 e 2006, e em 2010 e 2011.

Acreditamos que uma escola que traz em seu histórico experiências exitosas de Cultura de paz está mais preparada para desenvolver um projeto de mediação de conflitos como estratégia para se alcançar a Cultura de Paz em seu âmbito e em suas imediações. Os procedimentos metodológicos utilizados para coleta de dados obtidos durante o estudo foram: aplicação de questionários entre dez docentes da escola e dez discentes do oitavo ano, obedecendo à equidade de gênero; análise de documentos – Projeto Político Pedagógico da Unidade Escolar Maria Melo, dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), registrados nos Mapas da Violência dos anos de 2011, 2012 e 2013, dados estatísticos sobre violência escolar correspondente à cidade de Teresina – PI, contidos nos registros da Companhia Independente de Policiamento Escolar (CIPA), ligada ao Comando de Policiamento Comunitário da Polícia Militar do Piauí dos anos de 2011, 2012 –; realização de três oficinas com os discentes do oitavo ano e revisão bibliográfica.

Decorridas as primeiras etapas, em que se realizou a difusão do projeto, a sensibilização dos atores, a verificação ini-

cial da realidade da escola e a formação da equipe de trabalho, passei à fase mais voltada para a dinamicidade, para as medidas mais práticas da pesquisa, as quais envolveram contatos mais diretos e coletivos com os sujeitos que participaram da mesma. Desse modo, foram realizadas as três oficinas previstas como parte do curso de 20h.

A primeira oficina, realizada com os alunos no dia 2 de maio de 2013, tinha o objetivo de identificar quais as percepções dos jovens sobre violência e sobre cultura de paz, utilizando-se, para tanto, da memória do cotidiano, da criatividade e da imaginação para a produção dos dados, que seriam expressos, inicialmente, por meio de desenhos, ou seja, textos não verbais.

A segunda, realizada no dia 3 de maio de 2013, destinou-se aos estudos dos temas da violência e da Cultura de Paz, com base nas concepções de autores como Macedo e Bomfim (2007), Charlot (1997), Abramovay e Castro (2006), Jares (2002), Delors (1998), Serrano (2002), entre outros. Esse momento foi extremamente importante, pois eles tiveram a oportunidade de compreender conceitos a partir de teorias desenvolvidas por estudiosos dessas temáticas, bem como de poder comparar suas próprias concepções conferidas durante a produção dos dados com a dos teóricos apresentados durante a oficina.

A terceira oficina, com a qual completava o curso de 20h –, visava demonstrar como pode se efetivar a mediação de conflitos. Na ocasião, foram apresentados os conceitos e as etapas para o desenvolvimento da mediação na escola – mapeamento dos conflitos, planejamento da ação, sensibilização dos atores, seleção dos mediadores, aulas de capacitação, prática da mediação, monitoramento e avaliação –; bem como as técnicas necessárias, compostas por: escuta ativa, para-



fraseamento, formulação de perguntas, resumo seguido de confirmações, *brainstorming* (tempestade de ideias); *Caucus* (testagem das opções) e teste de realidade. Além disso, foram exibidos vídeos de experiências de mediação já consolidadas, como é o exemplo de Fortaleza (CE) e de Brasília (DF).

Ao final, eles desenharam coletivamente suas percepções sobre o que eles tinham apreendido durante o curso, apresentando alternativas para os problemas da violência que existiam na escola.

Ao concluir o curso, composto pelas três oficinas realizadas com os alunos, a partir das quais foi oportunizado aos jovens momentos de afetividade, de reflexão e de efetivo exercício da sensibilidade, como condição de realização humana, verificou-se que havia possibilidades de construção de um projeto de mediação de conflitos na escola, em decorrência das potencialidades que foram observadas no percurso da pesquisa, pois os jovens demonstraram em vários momentos de suas produções que são capazes de desenvolver e de cultivar valores positivos como a tolerância, o respeito, a solidariedade, o amor, a amizade, características que são essenciais para a boa convivência humana e para a mediação.

Escola e Juventudes Caminhando Juntas

A escola, em que a referida pesquisa foi desenvolvida, funciona nos três turnos, do 1º ao 9º ano do ensino fundamental (manhã e tarde), e Educação de Jovens e Adultos – EJA (noite), e atende, em sua maioria, moradores das vilas do próprio bairro ou localizadas em suas imediações.

Charlot (2002) distingue os tipos de violência encontrados na escola. Ele destaca que existe a violência “na escola”, que ocorre no ambiente escolar, mas não está ligada à natu-

reza de suas atividades; a violência “à escola”, direcionada à instituição ou aos professores e funcionários; e a violência “da escola”, violência propriamente simbólica, institucional que se efetiva no tratamento dos alunos e professores e nas suas relações sociais. Charlot (2002, p.32) também amplia o conceito de violência escolar, classificando-a em três níveis:

- a) **Violência:** golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
- b) **Incivilidades:** humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- c) **Violência simbólica ou institucional:** compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos.

De acordo com Arnoud e Damascena (1996), as escolas públicas possuem números expressivos de casos de violência interativa entre alunos, fato que contribui para um grau maior de banalização do fenômeno. Outro dado apontado é a aproximação física entre a escola e os casos de violências que ocorrem na comunidade. Quanto mais próxima a escola se encontra de comunidades dominadas pelas violências, mais condições se estabelecem para que estas adentrem no espaço escolar.



Abramovay (2006) explica que alguns fatores foram determinantes para o aumento da violência na escola, dentre eles, a democratização do acesso ao ensino, a prevalência da diversidade de comportamentos e de valores contraditórios no espaço escolar, a ausência de instâncias de mediação e de diálogo, e omissão dos gestores diante das violências ocorridas na escola. Observa-se, com isso, que ocorreu a democratização do acesso ao ensino mas o sistema educacional não preparou a escola para lidar com os efeitos desse fenômeno.

Segundo Martins e Carrano (2011, p.45),

nos territórios culturais juvenis delineiam-se espaços de autonomia conquistados pelos jovens e que permitem a eles e a elas transformar esses mesmos ambientes ressignificando-os a partir de suas práticas específicas.

Nesse sentido, podemos observar que os jovens ao adquirirem o estado de pertencimento e de confiança no território educacional apropriam-se deste, transformando-o e potencializando-o por meio de suas manifestações e expressões culturais.

Nos anos de 2005 e 2006, foi realizado na escola o projeto “Resgatando a Cidadania”¹, elaborado por seu corpo docente, o qual tinha como objetivo a diminuição da violência no espaço escolar. Na ocasião, foram desenvolvidas ações socioeducativas, culturais e esportivas voltadas principalmente para os alunos do período noturno, da Educação de Jovens e Adultos – EJA, equipe gestora, professores e comunidade em geral.

E nos anos de 2010 e 2011, foi realizada uma pesquisa-intervenção, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, em nível de doutoramento, da Universidade Federal do Ceará – UFC, com o objetivo de colaborar com a construção de uma

¹ Projeto elaborado pelos professores, sem a devida pretensão de registro de dados já que não fazia parte de pesquisa acadêmica.

Cultura de Paz na escola, a qual envolveu alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, equipe gestora, funcionários e professores. No período da pesquisa, foram realizadas oficinas temáticas, sessões de grupo focal, rodas de conversa e palestras.

Com isso, inferimos que, somente a partir de práticas pedagógicas inovadoras, é que se pode refletir perspectivas de paz, considerando as manifestações culturais como a arte, o esporte, a mediação e as parcerias que podem ser empreendidas pela escola e pela comunidade com o objetivo único de fortalecer a convivência entre os grupos que a compõem e de desenvolver uma aprendizagem significativa baseada nos direitos humanos e na cidadania.

Considerações Finais

A violência na escola é hoje um problema que atinge todos os níveis de ensino. Superá-la ou, pelo menos, atenuar suas manifestações e seus efeitos deve ser um objetivo de todos os sujeitos envolvidos no processo educacional.

Mobilizar a escola com ações que desenvolvam o interesse do jovem e que valorizem e visibilizem sua expressão cultural, fomentando o estado de pertencimento desse espaço, contribui para afastá-lo de situações de risco e/ou resgatá-lo de circunstâncias de violências, oportunizando, assim, a ressignificação de sua vivência a fim de consubstanciar sua identidade e estimular sua percepção de si mesmo, do outro e do mundo que o cerca.

Nesse sentido, os dados obtidos na pesquisa demonstraram que na escola manifestam-se os três níveis de violência, segundo a conceituação de Charlot (2002) – violência na/à/da escola. **A violência simbólica ou institucional**, ou seja, a violência da escola foi citada por um docente e com o verbo no



tempo passado, o que leva a crer que esse tipo de violência não é recorrente naquele ambiente. Quanto à **violência na escola**, professores e alunos reconheceram vários tipos: agressões verbais, brigas, uso de drogas, atos obscenos e furtos. Sendo que os atos obscenos foram expostos apenas pelos professores, fato que enseja o entendimento de que a banalização de determinados atos, de tão frequentes, tornam-se invisíveis aos olhos. No que se refere à **violência à escola**, os tipos citados pelos atores da pesquisa foram: pichações, depredação escolar e furtos de objetos e equipamentos escolares.

Outro ponto importante foi a visualização das vítimas da violência, ou seja, contra quem são praticados esses atos. Os professores responderam que os alunos são as maiores vítimas principalmente de agressões verbais, mas citaram também agressões físicas, as quais são praticadas, geralmente, no horário do intervalo das aulas ou da saída da escola. Já os alunos, ao serem questionados sobre como esses episódios ocorrem, quando, contra quem e porque são praticados, reconheceram, assim como os professores, que os principais tipos de violências são as agressões verbais, com destaque também para o uso de drogas, predominantemente no horário do intervalo ou na saída da escola. No entanto, eles afirmaram que algumas práticas não ocorrem apenas entre os alunos, declararam que os professores também são vítimas de desrespeito. Desse modo, podemos inferir que as convivências, tanto entre os alunos como entre estes e os profissionais com os quais se relacionam, estão afetadas de maneira negativa, cujos aspectos desagregadores da boa convivência permeiam o espaço escolar e podem desencadear outras formas de violência como: a intolerância; o desrespeito à diversidade; a individualidade; a falta de solidariedade, entre outros fatores negativos, dificultando, assim, o desenvolvimento de medidas alternativas

que possam, por sua vez, possibilitar a melhoria das relações entre os atores que fazem parte da escola, como é o exemplo da mediação de conflitos.

Diante disso, pode-se inferir que a escola não mais se constitui em território livre do espectro da violência, cujos efeitos são apenas ecos afinados das experiências vivenciadas no cotidiano social. Daí a urgência em levantar propostas alternativas para diminuir esse grave problema, as quais não podem estar despidas do contexto e desvinculadas dos acontecimentos que envolvem os jovens em seu dia a dia.

Os dados obtidos junto aos docentes e discentes participantes da pesquisa acerca de suas percepções sobre mediação de conflitos confirmam a análise anterior. Os professores ressaltam a importância da mediação, enquanto processo que pode contribuir para melhorar as convivências instituídas no espaço escolar. E algumas características próprias da mediação foram destacadas: criação de oportunidades; solução de consenso; buscar ouvir as partes do conflito; acordo quando as opiniões são contrárias; resolução do caso de maneira voluntária e pacífica; aplicação de métodos que tenham o objetivo de melhorar ou apaziguar relações entre pessoas; encontrar a justa medida para não causar mais violência entre as pessoas envolvidas. Demonstrou-se com esses relatos que os docentes compreendem bem o que a mediação de conflitos representa, e que a partir desses elementos pode-se instituir na escola uma cultura pacífica em que todos ganham.

A análise das concepções dos discentes sobre o mesmo tema demonstrou que eles abordaram de modo mais superficial quando comparados ao dos professores. No entanto, estão presentes alguns aspectos embrionários da mediação: a manifestação do conflito; a presença de um terceiro que desenvolve a intervenção, no caso, o mediador; e a possibilidade



de acordo: ajuda no combate a causas conflitivas; tentativa de evitar brigas e discussões da melhor forma possível; aconselhamento; conversa entre as pessoas que brigaram para não acontecer de novo; ação para prevenir futuras confusões e se chegar a um entendimento sobre um problema.

A partir dessas reflexões sobre as situações apresentadas, respaldada em leituras de autores que analisam experiências de construção de Cultura de Paz em escolas públicas de cidades brasileiras, inspirada no espírito de esperança, persistência e de um projeto político pedagógico que envolva os próprios atores/sujeitos que vivem as condições de miséria, mas que anseiam por mudança, na busca de alternativas possíveis é palpáveis, é que se constrói a necessidade de se experimentar outras alternativas, resgatando as potencialidades de práticas anteriores, fortalecendo-as com novas experiências principalmente assumidas por lideranças de todos os segmentos que convivem na escola: docentes, gestores, mães, pais, lideranças da comunidade e entidades parceiras.

Assim, entende-se que os participantes desta pesquisa, de natureza qualitativa, demonstraram em vários momentos de suas produções – tanto nas declarações apresentadas quanto nos dados obtidos – que são capazes de desenvolver e de cultivar valores positivos como a tolerância, o respeito, a solidariedade, o amor, a amizade, características que são essenciais para a boa convivência humana e para a mediação.

Referências Bibliográficas

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. *Caleidoscópio das violências nas escolas*. Brasília: Missão Criança, 2006.
- ARNOUD, E. ; DAMASCENA, A. *A violência no Brasil: representação de um mosaico*. Rio de Janeiro: IEC, 1996.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 4, n. 8, jul./dez, 2002, p.432-443.

CHIZZOTTI, Antonio. *pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DIONNE, Hugues. *A pesquisa ação para o desenvolvimento local*. Trad. Michael Thiollent. Brasília: Liber, 2007.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. 11ª Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2008.

JARES, X. R. *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MACÊDO, Rosa Maria de Almeida; BOMFIM, Maria do Carmo Alves. *Um olhar sobre juventudes, escola e violências*. Teresina: Expansão, 2007.

_____. *Juventudes, cultura de paz na escola: transformando possibilidades em realidade*. Tese de Doutorado. Fortaleza: UFC/FACED, 2012.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. *Revista Educação*, Santa Maria, v. 36, n. 1, p.43-56, jan./abr. 2011.

MELUCCI, Alberto. *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2005.

THIOLLENT, M. *Pesquisa-ação nas organizações*. São Paulo: Atlas, 1997.

